



Estórias
com **História**
do **mundo**
subaquático

Alexandra Figueiredo

Coordenação e Edição

Alexandra Figueiredo,
alexfiga@ipt.pt

Instituto Politécnico de Tomar,
Laboratório de Arqueologia e Conservação
do Património Subaquático
Centro de Geociências – FCT

Ilustração

Mónica Ramos

Colaboradores nas histórias

Luis Henriques
Alexandre Peixe
Adriano Constantino
João Paulo Silva

Ano

2020

Edição

Laboratório de Arqueologia e Conservação
do Património Subaquático - IPT

ISBN: 978-989-8840-44-8

Estórias com história do mundo subaquático

O Oceano faz-nos falta!

Índice

<u>Prefácio</u>	4
<u>O Mar, o Homem e o Património</u>	6
<u>Património Subaquático</u>	8
<u>Os sítios como “lugares de memória”</u>	10
<u>Vestígios Arqueológicos</u>	14
<u>4 Estórias para contar e encantar</u>	16
<u>Bibliografia</u>	37



Prefácio



O património arqueológico subaquático requer uma atenção e reflexão especial, pois a sua salvaguarda encontra-se condicionada por se tratar de um conjunto de vestígios que dificilmente se reconhecem ou são invisíveis à superfície.

Contudo, estes guardam histórias e espólios que permitem compreender aspetos da vida humana normalmente irreconhecíveis no meio terrestre. Os vestígios orgânicos preservam-se melhor, garantindo que os mesmos possam chegar até nós e as estações são quase sempre pequenas cápsulas de tempo, terminadas abruptamente por acidentes. Desta forma são retratos extraordinários de momentos e vivências humanas, permitindo-nos exumar toda uma panóplia de dados, que no meio terrestre, devido aos sítios serem expressões de vontades e refletidos por abandonos ou mudanças, nos chegam parceladas ou com imagens retorcidas.

Também no mundo subaquático, ainda que as formas de intervenção sejam muito mais complexas, onde as técnicas e as metodologias usadas têm de ter em atenção a componente “meio” em que se opera, os condicionalismos pós-deposicionais são próprios do ambiente em questão. Também os dados e os vestígios, num registo pormenorizado e em determinadas situações de conservação, trazem-nos respostas mais precisas do passado para a compreensão de determinados acontecimentos. É juntando os dados da vida terrestre e dos restos que repousam no fundo das águas, que chegaremos mais longe no entendimento das diferentes ocupações humanas.

Assim, a preservação de grandes valores e bens que o meio e as situações de naufrágio nos proporcionam e a sua invisibilidade na sociedade fazem dele um alvo predatório fácil, observando-se constantes atrocidades, explorações ilícitas e destruições da nossa história. É, por isso, premente o desenvolvimento de uma educação e uma formação para a salvaguarda deste património, que terá de começar desde a mais tenra idade.

Uma comunidade mais consciente deste tipo de vestígios, de como aparecem, sua importância para a reconstrução da identidade e das boas práticas a desenvolver perante achados históricos, será uma comunidade mais culta e conhecedora do seu passado. É por esse motivo que os primeiros capítulos versam uma componente mais científica e didática do que é o património e a arqueologia subaquática, seguindo-se um conjunto de textos infantis, que podem ser usados por pais, professores ou educadores, de forma livre e voluntária para que, da maneira que considerarem mais conveniente, possam ensinar os jovens a crescer mais atentos e conscientes para o património subaquático.

Alexandra Figueiredo



O Mar, o Homem e o Património



O Oceano faz-nos falta!

O mar sempre exerceu uma forte atração no homem, quer pela beleza e grandiosidade, quer pela exploração de novos mundos, meio e seres. Por variadas razões, o homem começou aos poucos a tentar desvendar os seus mistérios.

Ao perceber da sua riqueza e recursos infindáveis não parou na descoberta e invenção de métodos para a prossecução dos seus fins. Lançou-se ao mar para a captura de alimento, criou formas e técnicas de o atravessar, tratou de descobrir novos materiais e culturas e desenvolveu sistemas que lhe permitem submergir de forma segura. Passo a passo, foi navegando e mergulhando.

Para trás deixou uma história, vestígios e uma vida, muitas vezes silenciada pelo próprio mar.

A Arqueologia Subaquática, estuda o Homem em todas as suas dimensões. Da análise dos objetos, da perceção das estruturas, da compreensão dos comportamentos, o investigador traça os acontecimentos passados, desenvolvendo ensaios sociais, tecnológicos, políticos e religiosos, tendo por base os vestígios observados. Contudo, é ainda uma disciplina recente que abarca um conjunto de métodos e técnicas ímpares aplicadas ao meio subaquático, encharcado ou húmido.

Imperam, aqui, as leis do mundo subaquático, às quais os investigadores têm de se adaptar, no sentido de garantir a eficiência do processo arqueológico, a preservação dos vestígios e a elaboração de um registo fiel do passado humano.

Ainda que de importância relevante para o nosso conhecimento e compreensão da nossa identidade é uma área pouco explorada, sendo escassas as formações neste âmbito (FIGUEIREDO, 2014:) ou projetos de investigação desenvolvidos.

Esta área carece ainda, pela falta de valorização e desconhecimento dos vestígios e histórias que guarda, da criação de estratégias de educação patrimonial que permitam uma consciência mais atenta para a preservação de um património que pertence a todos.

A educação patrimonial, na sua base, é um conceito assente numa proposta refletida, interdisciplinar e interinstitucional, que permite uma articulação entre o ensino, a investigação e as entidades de tutela do património com objetivos de consciencialização das comunidades para a salvaguarda e valorização do património. Na componente formativa pretende que o educando adquira habilidades de perceção cultural, que possam ser estruturantes da sua visão e permita através do seu comportamento e perceção servir como elemento educativo futuro.

É neste sentido que apresentamos este conjunto de textos, de pequenas histórias sobre o património arqueológico, pretendendo servir como exemplo de possíveis ações, garantindo a promoção de uma formação cívica sobre o mar e sobre os vestígios do passado humano que ele encerra.



O Património Subaquático



O património subaquático é definido pela Unesco como sendo formado por todos os vestígios relacionados com a existência humana de caráter cultural, histórico ou arqueológico, cuja permanência sob a água, quer seja de forma total ou parcial, tenha ocorrido há mais de 100 anos (CLAUDINO, 2016: 7).

A convenção de 2011, pelo qual muitos países assinaram, incluindo Portugal, está assente na consideração da sua extraordinária importância, por exemplo para a determinação e compreensão histórica dos povos e da sua relação, devendo, as instituições de cada governo garantir a sua preservação.

Atualmente, já são muitos os países que possuem legislação própria para a salvaguarda destes bens, no entanto existem outros que ainda não criaram as estruturas necessárias.

Ainda que a componente legislativa seja relevante para o processo de consciência social, esta não é suficiente, sendo necessário um investimento crescente, contínuo e eficaz na educação da sociedade. Foi também com este propósito que foi definido um kit educativo, em 2012, disponível na internet (SALDARI, 2012).

Esta aprendizagem orientada para o mar e o seu património, focado nas crianças, como é o caso das propostas lançadas nesta obra, garantirá um futuro mais ciente da necessidade de valorização e respeito pelo próximo. Para além disso, pelo reconhecimento e apreciação das diferentes épocas culturais e interação de diferentes grupos, permitirá uma formação também ao nível de valores, contribuindo para uma maior tolerância e respeito pelo ser humano.



Os sítios arqueológicos como “lugares de memória”.



Cada vez mais os mares são explorados nos seus recursos, promovendo pesquisas regulares ao fundo marinho, devendo-se considerar e desenvolver planos de minimização dos impactos que estes causam no ambiente, no ecossistema e no património cultural. Estas explorações, se por um lado atendem às necessidades económicas humanas, por outro colocam em risco a preservação do fundo marinho, perturbando, danificando e destruindo o património que nele jaz.

O desconhecimento do que existe e da importância das informações que este nos pode trazer para a compreensão do passado e da nossa identidade faz com que releguemos para segundo plano a sua proteção, pois tal preocupação não é consciente ou reconhecida pela comunidade.

Assim, compreendemos que *“o património só pode ser utilizado, quando pertencer a uma sociedade, isto é, quando é percebido como um bem coletivo”* (FIGUEIREDO e BEREZOWNSKI, 2017) e desta forma apropriado e herdado. Só após *“esta consciencialização social pode ser integrado nas estruturas que regem cada comunidade, permitindo uma preservação e a sua passagem para as gerações futuras”* (*idem*, 2017). Desta forma as ações educativas permitem este reconhecimento, garantindo pela compreensão do outro, a observação do reflexo da sua própria vida, história ou práticas culturais, contribuindo para a construção da sua memória afetiva que é pertença do seu passado e desta forma estruturar a sua identidade cultural.

Os sítios arqueológicos são esses lugares de memória que permitem à comunidade reencontrar-se com o seu passado e redefinir a sua posição no mundo. É o contato com os monumentos, as visitas a museus, os marcos e registos culturais de um povo, as provas gastronómicas, o reconhecimento folclórico, entre outras especificidades tradicionais, que constitui uma forma impar de percorrer o tempo de vivência dessa comunidade e de compreender as suas continuidades e discontinuidades, diferenciando estas em relação a outras comunidades e criando vínculos de pertença dos indivíduos com os seus ancestrais e com a sua história.

Atualmente, o desenvolvimento do processo tecnológico e de modernização tem alcançado um ritmo que não está a ser acompanhado, em paralelo, pelo crescimento sustentável e consciente da necessidade da preservação do meio em que se interage, falando aqui também do património ambiental. Estes vestígios, pela ignorância da sua importância ou ganância comercial têm levado a profundas destruições que são absolutamente irreversíveis, com um impacto negativo na compreensão histórica e até nos habitats marinhos que ocupam estes sítios.



Para além das estratégias de defesa e salvaguarda definidas pelo governo e entidades de tutela, compete a todos a possibilidade de aquisição de valores culturais e da sua passagem, através das escolas e dos pais, às gerações futuras.

Nos primeiros dois períodos de formação (pré-escolar e primária) os programas curriculares focam essencialmente conteúdos, tratando, dentro destes, alguns valores sociais. Contudo são raríssimos ou inexistentes os textos que abordam o património cultural arqueológico, nomeadamente o subaquático. Esta situação deve ser rapidamente invertida sobretudo considerando o estado atual, em que com a missão de extensão da plataforma continental se permitirá um alargamento do espaço marítimo português. Assim, Portugal irá brevemente passar a ter uma dimensão idêntica à Índia, sendo, no nosso caso, 90% composto por mar. Nesta situação, as instituições formativas têm de rever os seus planos curriculares de forma a integrar esta proposição tão importante para os portugueses.

Para além dos textos literários, as escolas, e não me refiro somente às que se encontram em regiões costeiras, devem aplicar metodologias que trabalhem os conceitos do saber ser e saber estar associado ao património.

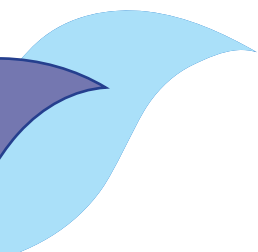
É premente que as crianças cresçam reconhecendo o património como sua herança cultural e percebam a importância da sua proteção, transformando-se em agentes dinamizadores e seres que valorizam a cultura, o respeito pela diferença e sentido cívico identitário humano.

A forma como devemos intervir com estas faixas etárias tem de necessariamente ir ao encontro da imaginação e criatividade das crianças, permitindo-lhes interagir com os conteúdos apreendidos e criando laços com as personagens mencionadas.

Nos anos de escolaridade seguintes os jovens devem reforçar e aprofundar os seus conhecimentos, tendo como suporte, sempre que possível, a escola como fonte de saber e orientação na aprendizagem.

Só assim este património poderá ser reconhecido e integrado na estrutura de vivência da sociedade.





Os vestígios arqueológicos



Entre os diferentes recursos que o meio subaquático nos presenteia, encontram-se os vestígios arqueológicos, que ocorrem, em alguns casos, como “capsulas de tempo”, guardando histórias e acontecimentos passados em condições extraordinárias de preservação.

Uma grande parte destes vestígios registam-se a nível de embarcações, cargas e portos, sendo reveladores dos contatos e influências comerciais, sociais e ideológicas de diversas civilizações em conexão, que por motivos de ocorrência de acidentes ou outros eventos breves guardam em si todas as estruturas e materiais. Contudo, devido às transgressões e regressões marinhas, alterações de cursos fluviais e linhas da costa também integra outro tipo de vestígios, nomeadamente de habitats costeiros, monumentos ou zonas de culto que por um ou outro motivo foram submersos. A par destes ainda se assumem as zonas húmidas terrestres, por exemplo as cavidades submersas ou com elevado grau de humidade.



4 Estórias para contar e encantar



A Nau Valente

c/ Luis Henriques,

Informação aos pais:

O conto infantil que se relata foi baseado na viagem e posterior naufrágio de uma das naus pertencente à Carreira da Índia, a Nau “Nossa Senhora dos Mártires”, que em setembro de 1606 naufragou junto ao Forte de São Julião da Barra.

Este pequeno conto relata ainda, em ficção, a posterior descoberta do local do naufrágio, assim como a sua escavação e reconstrução virtual, que permitiu pela primeira vez a avaliação das qualidades náuticas de um navio da Época dos Descobrimentos.

Esta história começou no tempo dos reis.

Estávamos em março de 1605, um dia cheio de sol, com grande agitação e movimento no rio Tejo, enquanto eu e as minhas companheiras aguardávamos a preparação final para a viagem mais arriscada e cheia de aventura desta época! Vamos partir para a Índia!

Entram homens carregados... saem de mãos vazias.... sobe carga para o meu convés, que depois desce para o meu grande porão...

- Eu sou a Nau Valente! - Diz-nos a grande nau muito orgulhosa. - Sim! Sou a Valente! É esse o meu nome secreto, pois nós, as naus que vamos para a Índia, escolhemos o nosso próprio nome. Mas como é secreto, shhhhhh! O meu Capitão não o conhece e então continua a chamar-me “Nossa Senhora dos Mártires”. Mas sou a Valente, seja no mar ou em batalha! Olhem ali os meus grandes canhões.

- Lçar a âncora! - Ordena o Capitão Manuel Rolim, com a sua forte voz.

- Aqui vamos nós! - Grita a Nau Valente muito entusiasmada.

Assim começou a viagem da Nau Valente, com o mar calmo e bons ventos, mas logo depois deparou-se com uma grande tempestade, quando contornava o Cabo da Boa Esperança.

- Ai! Ui! Mas que grandes ondas! Tenho de ser valente! Com tanta agitação esta grande viagem não é lá muito divertida! - Referiu a Nau.



Passada a tormenta a nau Valente olha para o seu interior, observando os seus tripulantes muito atarefados, enquanto continuam sempre a entoar as suas cantigas do mar.

O marinheiro Pedro trata da carga, organizando o espaço para as mercadorias que vai receber em Cochim, que será o destino final desta viagem à Índia, contando com a ajuda do seu amigo, o marinheiro Cristóvão. Enquanto isso o nosso Capitão vai comendo o seu jantar.

Passam 6 meses e tudo corre como planeado.

- A viagem para a Índia é longa e cheia de perigos! Com ondas pequenas, mas também muito grandes! Brisas suaves, e também ventos tempestuosos! - Afirmam a nau Valente, que agora sente uma verdadeira liberdade com as suas grandes velas desfraldadas ao vento, deslizando velozmente sobre as águas.

- Chegamos a Cochim! - Afirmam a Valente com entusiasmo!

- Largar a âncora! - Diz o capitão aos marinheiros.

- A Índia é muito diferente de Portugal. - Explica a nau Valente enquanto observa o movimento no porto de Cochim. - Aqui as pessoas vestem roupas muito estranhas e coloridas. É daqui que vêm as especiarias como a pimenta, que carregam no meu porão. Atchim! - Espilam a nau. - Mas porque levam tanta pimenta! Atchim!

Mas os marinheiros Pedro e Cristóvão carregam também outras mercadorias e até algumas peças preciosas.

- Toda esta carga é muito pesada, ainda bem que além de valente sou grande e forte!

- Explica orgulhosa.

Passaram alguns meses, até a nau iniciar mais uma grande aventura, agora de regresso a casa, em Lisboa!

De novo enfrenta grandes dificuldades, mas com a sua valentia natural, tudo consegue suportar e ultrapassar, seguindo sempre no rumo que lhe traça o seu capitão.

- Os Açores! Já falta pouco para estar em casa! - Lembra a nau Valente passando pelas formosas ilhas portuguesas.

Já próxima do seu destino final, um vento muito forte bate nas grandes velas.

- Que se passa, porque escurecem os céus? Mais uma tempestade? - Com a sua valentia habitual enfrenta o mar cada vez mais zangado. A nau escuta as ordens do seu capitão quando a tentam conduzir para o rumo certo, mas o vento não deixa. Os cabos começam a ranger e as velas a romper. Valente é arrastada pelas ondas e os canhões saltam do lugar.

- Não consigo ver nada. - Diz a Valente assustada.

- Cuidado, estão ali rochedos. - Grita o capitão.



Mas já é tarde demais. *CRAAAASSSHHH* A Nau Valente bate nos rochedos e começa a afundar-se... Sem muito por fazer a nau já cansada de lutar deixa-se naufragar.

Após o naufrágio, Valente, encontra-se sozinha no fundo do mar, os dias passam e dão lugar a meses, que se transformam em anos, e finalmente em séculos...

Mas a nau “Valente”, rapidamente encontra uma nova tripulação, pois muitos peixes, polvos e outros habitantes fazem dela a sua nova casa e ela acaba por fazer novos amigos.

No entanto, certo dia, a Valente ouve barulhos de barcos que se concentram por cima do local onde repousa e Splash / Splash / Splash / Splash / Splash / Splash - ‘Que som estranho...’ – pensa a Nau Valente para si – Normalmente os barcos não fazem este barulho...’

A Nau põe-se à escuta e começa a ver aos poucos umas luzes a passarem pelo seu casco, os seus novos amigos começam a fugir em todas as direções...

- Mergulhadores!! GRRRRRRR! – A Nau começa a ficar cada vez mais chateada – Lá vêm eles de novo estragar o meu lindo casco e levar a minha preciosa mercadoria que não lhes pertence!

No entanto, a nossa amiga estava enganada, pois estes mergulhadores começaram a observá-la, havia um que tirava fotos, outro fazia marcações. E assim se iniciou o processo arqueológico para cuidar da Nau Valente.

Pouco tempo depois, a nossa amiga Nau encontrava-se num laboratório muito grande e rodeada por arqueólogos que tratavam de cuidar e estudar a Valente.

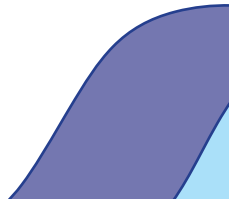
- Que estão a fazer? – Pergunta a Nau. Ela observava-os muito curiosa, pois uns tratavam de lavar a sua mercadoria, outros estudavam as suas madeiras e foi assim que a nossa amiga descobriu a importância que tinha para a história portuguesa, pois a partir dela os arqueólogos puderam estudar as características de um barco dos Descobrimentos!

E assim termina a história da nossa corajosa Nau Valente, agora muito mais feliz! Pois através da grande exposição em Lisboa dedicada aos oceanos, a Expo 98, pode mostrar ao mundo os achados que faziam parte da sua carga e que agora são parte do nosso património subaquático.





O Oceano faz-nos falta!



A História de Poty

c/ Alexandre Peixe

Informação aos pais:

O conto infantil a seguir é baseado em uma viagem de comércio hipotética, que poderia ter acontecido em qualquer época histórica.

Este pequeno conto relata, do ponto de vista do vaso cerâmico que segue na carga, suas impressões e expectativas, o naufrágio e sua posterior recuperação, procurando demonstrar de maneira simples como são recuperados os objetos submersos de modo a se poder obter o maior número de informações possíveis.

Eu nasci há muito tempo, numa pequena oficina.

Com muito cuidado e carinho fui sendo moldada, decorada e preparada. Sou uma jarra e meu nome é Poty.

Depois eu fui para o mercado. Eu queria ser útil para alguém. Enquanto eu esperava, sonhava em ir para algum palácio. Servir reis e rainhas, príncipes e princesas...

Lá, aprendi muitas coisas. Descobri que a cidade onde nasci se chamava Siracusa e conheci outros vasos de diversos lugares que também estavam à venda no mercado.

Um deles foi Apolo, um grande vaso que vinha de uma cidade chamada Atenas, bem como a Esmirna, uma outra jarra que vinha de uma cidade chamada Mileto.

Certo dia, fomos todas escolhidas e levadas para um navio.

Eu fiquei animadíssima!!! Tinha certeza que iria para um palácio distante e seria muito feliz. Mas a viagem foi bem longa, pois passamos dias e mais dias no mar.

Durante a viagem fomos conversando:

– Atenas é uma cidade muito grande, as pessoas vêm de longe para morar lá... - Disse Apolo.

– É verdade, Mileto, também, e nas duas vivem os gregos, ou helênicos, como eles se chamam... - Interrompeu Esmirna. E por mais que Apolo tentasse falar, Esmirna sempre tinha algo a dizer.

– Atenas e outras cidades gregas entraram em guerra com os persas, sabiam? - Afirmou Apolo.

– Uma vez eu vi um persa.... Eu acho que era, mas talvez ele fosse fenício... Com certeza não era grego! - Respondeu Esmirna.

Pobre Apolo, a decoração dele era com passagens da história grega... e ele sabia muito a respeito, mas ninguém podia com Esmirna.



– O primeiro barco em que eu andei era fenício, mas talvez fosse egípcio... não sei, mas como eu não entendia nada do que os marinheiros diziam... com certeza não era grego! - Continuava Esmirna.

Tudo corria bem e estávamos todos muito divertidos, de tal forma que não vimos uma tempestade a aproximar-se.

Mas pouco tempo depois, de repente, tudo balançava e estremecia e todos ficamos calamos e muito assustados.

Até que Apolo gritou: – Segurem-se! Se cairmos vamo-nos quebrar!

Eu agarrei-me nele, que por ser maior era mais difícil de ser movido pelo balanço do mar. Já Esmirna apavorada, gritava: – Socorro! Eu não quero cair no mar! Esse mar não é grego!!!”

A tempestade era muito forte e acabamos todos amontoados no fundo do barco.

De repente veio uma onda enorme e tudo ficou muito, muito escuro...

Apolo disse: – Que silêncio, acho que nos afundamos!

E debaixo da pilha de potes e vasos escutei Esmirna: –Aposto que este navio não era grego, para afundar desse jeito.

Fiquei muito chateada, nunca chegaria ao palácio que eu tanto sonhei. Com o tempo, o navio foi-se desfazendo e nós acabamos espalhados pelo fundo do mar.

Às vezes apareciam pessoas, mas eram diferentes das que nós conhecíamos. Elas vestiam roupas diferentes e em algumas ocasiões recolhiam, um pote aqui e outro acolá e levavam com eles... E desses nunca mais ouvimos falar.

Apesar de tudo Esmirna continuava a mesma.

– Não podem ser gregos... gregos falam bastante... essas pessoas nunca falam nada!

Apolo acostumou-se rápido com a nova vida e virou a casa de vários peixinhos.

- O grandão eu chamei de Ulisses – dizia Apolo – A mulher dele de Penélope e os pequeninos de Heitor e Aquiles, porque vivem brigando. - Dizia sorrindo. Eu e Esmirna ainda vivíamos a sonhar com o dia em que alguém nos viria buscar.

– De agora em diante – dizia ela – só entro em barcos gregos!

O tempo foi passando até que certa altura apareceu um grupo de mergulhadores muito diferentes dos outros que eram marotos e levavam os nossos amigos.

Eles não tocavam em nada, só observavam e tomavam notas.

Depois eles montaram um quadro ao redor de onde estava espalhada a carga do navio.

- Apesar de mudos – dizia Esmirna – esses devem ser gregos!

Eles mediram, desenharam e fotografaram tudo o que havia. Quando eu já havia perdido a esperança, eles começaram a recolher-nos com todo o cuidado.



De qual cidade grega será que eles são? – perguntava ela – Talvez sejam de Esparta, dizem que os espartanos são bem metódicos. Mais tarde os ouvimos comentando que todo aquele processo havia sido feito para que eles pudessem saber o máximo a respeito de nós, do navio e onde tínhamos embarcado.

Além de consertarem os lascados de Esmirna, eles também disseram que o navio agora seria protegido, e ninguém mais poderia pegar em nada de lá sem autorização. Hoje, eu estou muito feliz, pois agora sou útil!

Fui levada para um museu para ajudar a contar não só a minha história, mas também a história do navio e das pessoas que me fizeram há muitos e muitos anos atrás.

E Esmirna... bom... continua a mesma...

– Eu já falei para vocês a respeito dos gregos? – Pergunta sempre ela a quem por nós passa todos os dias.





Os piratas de Ferrel

c/ Adriano Constantino

Informação aos pais:

O conto infantil que se apresenta foi baseado nas lendas do concelho de Peniche, que terá dado, segundo a população, nome à povoação de Ferrel. O conto fala ainda da já desaparecida profissão típica desta região - o Almocreve, bem como as expressões “nhã joia” e “riclé” muito usada na linguagem tradicional.

Há muito, muito tempo, quando Peniche era uma ilha e a Atouguia da Baleia um importante porto, chegaram a esta costa uns piratas.

Com o intuito de assaltar todos os barcos que rumassem ao porto da Atouguia, desembarcaram num local onde não vivia ninguém e ali ficaram.

-Aqui chegámos, aqui ferremos! Disse o capitão do navio.

O sítio foi crescendo e com o tempo nasceu a aldeia de Ferrel.

Os piratas continuavam a roubar os navios fazendo fogueiras na praia para que encalhassem e naufragassem. Não contentes com os barcos que pirateavam, também roubavam à população da aldeia.

Numa dessas pilhagens decidiram entrar num pinhal e atacar umas velhinhas que calmamente partilhavam uma refeição junto a um grande caldeirão.

O chefe dos piratas, que para além de ter uma perna de pau era marreco, gritou logo:

- Roubem tudo! E tragam-me o caldeirão!

Mas eles não sabiam que estavam a roubar às Bruxas de Ferrel. Num instante as doces velhinhas, chateadas com a malvadez dos piratas, lançaram-lhes um impiedoso feitiço.

- Se voltarem a atacar alguém ou algum navio serão transformados em peixes e irão assombrá-lo até que alguém devolva os bens que roubaram. - Disseram as bruxas em coro – E para que ninguém volte a ser pirata, o porto da Atouguia vai desaparecer. - Completou a bruxa mais velha.

Mal anoiteceu, passou por aquelas bandas um pequeno barco. Com a ganância de arrecadar mais algum tesouro, o capitão que estava a descansar da refeição farta das velhinhas, gritou:

- Acendam as fogueiras! Ele vai pensar que somos o porto da Atouguia!







No meio da escuridão, um dos piratas lembrou-se da maldição e vendo que o navio estava a encalhar fugiu com medo.

Os restantes, mal subiram ao barco, transformaram-se em peixes! Logo de seguida, o nível das águas do mar começou a baixar e Atouguia ligou-se, por terra, a Peniche. Só o pirata que tinha fugido conseguiu escapar à maldição e passou a viver como almocreve.

Todos os dias, lá ía o velho almocreve com o seu burro, pela praia, buscar o peixe que os pescadores de Peniche apanhavam para vender e na volta trazia outros produtos. O tempo foi passando e a maldição esquecida, até que Pedro, um rapazinho curioso, que vivia em Peniche, ao remexer no sótão do avô, para fazer um trabalho para a escola sobre Património Antigo, encontrou um livro, cheio de pó.

-Avô que livro é este? Perguntou o Pedro.

- Nhã joia! Este livro está aos séculos na família e conta a história e as aventuras do nosso antepassado que antes de ter sido almocreve, como todos os homens da nossa família, tinha sido pirata.

- Pirata? Huauuuu! Exclama Pedro. - Podemos ler?

-Ah riclé! Mas com cuidado pois é um livro muito antigo e deve ser tratado com respeito.

Depois de ler o livro com atenção, Pedro apercebe-se do que a professora lhe tinha falado nas aulas da importância de reconhecer e proteger o património.

-Avô, posso levá-lo para a professora ver? Pediu o Pedro.

O avô aceitou com a condição do Pedro ter muita cautela para não danificar o livro. Vendo a importância da informação que estava na obra, a professora entrou em contacto com os arqueólogos que trabalhavam na região de Peniche e rapidamente a novidade da descoberta de um livro antigo que falava de vários naufrágios se espalhou.

Damião, que era arqueólogo, entrou em contacto com o Pedro e convidou-o para participar no projeto de Arqueologia Subaquática que iam desenvolver para encontrar os vestígios que o livro mencionava.

- Antes de irmos à procura dos navios temos de ter autorização de quem é responsável pelo Património, em Portugal, que vai analisar o projeto e dar a autorização, bem como os meios necessários. É preciso planear muito bem todas as etapas do trabalho e calcular todos os recursos necessários. - Disse Damião ao Pedro.

Pedro ficou em pulgas e muito feliz por poder participar num projeto de investigação tão importante. Para além de ir conhecer como se fazia arqueologia subaquática, ia poder ver os barcos e os objetos que seriam recuperados pela equipa de arqueólogos que o livro do seu avô falava.

Alguns dias depois já com tudo preparado e com a autorização dada, lá foi o Pedro com a equipa de arqueólogos. Mas durante toda aquele período de trabalho, não encontraram nada. Pedro estava a ficar desanimado.

- Pensei que fosse mais fácil. - Dizia.



Damião referiu que era mesmo assim, que era preciso muita determinação e paciência.

Após muita persistência e a aplicação das técnicas corretas encontram um dos navios que procuravam. Pedro não cabia de contente.

O navio repousava no fundo do mar e podia-se ver a carga que transportava.

No entanto a equipa de arqueólogos ao aproximar-se da carga é rodeada por moreias, safios e outros peixes. O Damião leva um choque de uma tremelga, enquanto os outros elementos da equipa são atacados pelos peixes que ali habitavam.

Rapidamente fogem a sete pés e a muito custo lá chegam a terra, exaustos.

- Eu gosto de safio, mas é na caldeirada, não é desta maneira - Disse o Fernão, o conservador subaquático da equipa.

Damião, cujo pai era pescador teve uma ideia:

- Já sei! Vamos fazer uns covos e iscar com sardinhas. É assim que se apanham estes peixes. Depois é só levantar os covos.

Infelizmente, eles tinham-se esquecido que as tremelgas não se apanham com covos e estas eram danadas. Mal voltam a mergulhar, tiveram de fugir novamente.

- Isto parece embruxado! Malditos peixes! - Disse Fernão.

No meio da conversa, Pedro lembrou-se de ir ler outra vez o livro na esperança de encontrar alguma pista, pois o biólogo marinho assegurava que não havia qualquer problema do desenvolvimento dos trabalhos, que os peixinhos não teriam qualquer impacto no seu habitat.

- Humm, acho que já sei! Ora vejam esta parte sobre a maldição: "Se voltarem a atacar alguém ou algum navio serão transformados em peixes e irão assombrá-lo até que alguém devolva os bens que roubaram". Mas como podemos devolver os bens aos donos? - Indagou o Pedro.

- Isto é Património! Disse o Damião. - Os donos somos todos nós! Só temos que tornar público o que descobrimos que é o que fazemos. Vou preparar uma pequena palestra para expor o que sabemos, mesmo antes que terminarmos os nossos trabalhos.

- É isso. - Respondeu o Fernão. - O nosso trabalho, agora, é em terra!

Toca o sino de Ferrel a rebate, a população corre para a capela da Nossa Senhora da Guia.

Os arqueólogos juntam a população e começam a falar sobre a história de Ferrel, bem como das descobertas que tinham sido realizadas naquela semana. Durante a palestra falam também na necessidade de ter um local para colocar os materiais que irão ser recuperados durante os trabalhos e que, depois de estudados, tratados e conservados, poderão ser expostos para que todos os possam ver.

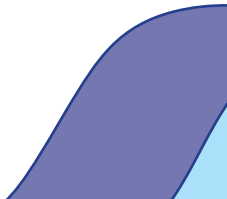
Após ter sido explicada a importância das descobertas para Ferrel, a Junta de Freguesia disponibilizou uma enorme sala para a equipa de arqueologia poder trabalhar e apresentar os dados à comunidade, bem como os meios para a sua divulgação.

Estava quebrada a maldição e a equipa de arqueologia, nunca mais foi importunada.





O Oceano faz-nos falta!



O rio do esquecimento

com João Paulo Silva

Informação aos pais:

O conto que se segue é uma ficção que tem como ponto de partida a lenda do rio “*Lethes*”, que todos os Limianos bem conhecem. A descoberta fortuita dum artefacto com valor histórico levará uma criança a perceber, através das palavras do seu pai, a importância da salvaguarda do património, bem como valores como o bem comum ou o altruísmo.

Era uma vez, em tempos não muito distantes, um menino chamado Francisco, mas toda a gente o tratava por Chiquinho, fossem os amigos, os conhecidos lá da aldeia ou até mesmo a família.

O Chiquinho vivia perto duma vila chamada Ponte de Lima, que era e ainda é, a vila mais antiga de Portugal.

Desde muito cedo ouvia o avô contar muitas histórias, principalmente nas frias noites de inverno, quando a família, à volta do lume, depois do jantar, ficava a ouvir a voz rouca do velhinho, a desvendar lendas do passado.

Fascinava-o uma lenda em particular, tinha andado de boca em boca, de lar em lar, de geração em geração, desde o tempo dos romanos, até agora, pelo que sempre se disse por ali.

Segundo constava, estes habitantes de há dois mil anos atrás, chegaram às terras mais a norte, depois de passarem os rios Tejo, Mondego e Douro. Mas sempre de forma corajosa e sem nada nem ninguém os conseguir travar.

No entanto, quando a legião romana chegou e viu o rio Lima parou de repente. Pensaram que se tratava do *Lethes*!

Segundo a sua crença, o *Lethes* era o rio do fim do mundo e bastava tocar nas suas águas para se esquecerem de tudo e de todos!

Este obstáculo era impossível de contornar ou ultrapassar.

O burburinho instalou-se, desde os soldados até aos oficiais, todos rapidamente concordaram:



– É o rio Lethes! É o rio do esquecimento! Não avançamos mais! - gritavam.

O Comandante das tropas bem tentava convencer os soldados, de que aquela ainda não poderia ser a fronteira do mundo e que depois de passarem o rio, ainda teriam muito para conquistar.

Mas nada feito, nem a autoridade, nem a vontade do Comandante, foram suficientes para resolver as coisas. Então, num impulso, o Comandante arrancou a bandeira, das mãos do soldado, símbolo daquela Legião, e espicaçando o seu cavalo, entrou de rompante no rio, ficando todos a olhar para ele, horrorizados!

Rapidamente atravessou o rio de águas pouco profundas naquela zona: chegou à outra margem. Começou a agitar a bandeira e a chamar pelo nome os seus homens, um a um, provando-lhes assim que aquele não era o Lethes, já que não se tinha esquecido nem de nada, nem de ninguém.

Convencido, o exército atravessou as águas do rio Lima e seguiu a sua marcha em direção a norte, continuando o seu percurso de conquista e glória!

O Chiquinho, de todas as histórias contadas pelo avô ou até por outras pessoas mais velhinhas, era desta que mais gostava, não tanto por apreciar especialmente os Romanos, mas sobretudo porque, desde muito novo, sentia um certo fascínio pelo rio Lima.

Nunca lhe tinham dado autorização para ir mergulhar ou mesmo nadar no rio, por ser muito novo. Mas neste verão ia ser diferente, finalmente já o achavam suficientemente responsável para poder ir nadar, desde que acompanhado por adultos, claro.

Um dia de manhã o pai do Chiquinho foi acordá-lo cedo e disse-lhe para se despachar. A família toda estava a preparar-se para um piquenique e uma tarde de banhos de sol e de divertimento junto ao rio.

O Chiquinho mal conseguia conter a alegria. Quando chegaram, enquanto estendiam as mantas e preparavam as coisas para almoçarem, Chiquinho já ia tirando a roupa para se enfiar na água.

Quando o Chiquinho estava com água pela cintura, começaram a sentir a corrente mais forte juntos aos pés. Decidiram não mergulhar e quando se preparavam para voltar para a berma, repentinamente, o Chiquinho ficou com receio e avisou o pai. Sentia o pé preso dentro de algo. Tentava mas não conseguia soltar-se.

O pai do Chiquinho, sem hesitar, mergulhou e mesmo sem conseguir ver muito bem, sendo muito bom nadador, conseguiu escavar com as mãos a areia dentro do objeto misterioso, fazendo com que o pé do Chiquinho se soltasse.

Pondo-se em pé, fora de água, viu o sorriso de alívio do Chiquinho, que o encheu de alegria e logo de seguida, voltou a mergulhar, para ver melhor qual seria o objeto, que lhes tinha causado o pequeno susto.



Ficou muito espantado e maravilhado! Parecia feito de ferro! Era um capacete romano, não havia dúvidas nenhuma!

Mal se ergueu, explicou ao Chiquinho o que estava a acontecer. Saíram da água rapidamente, para irem contar, muito orgulhosos e contentes, ao resto da família, a bela descoberta que tinham acabado de fazer.

O Chiquinho só pensava como era possível um capacete romano ter chegado até aos nossos dias e estar ali tão perto deles, a tão pouca profundidade.

Claro que era sabido que os romanos tinham estado naquela região. Tinha-o aprendido na escola e havia a ponte romana, que tinha dado o nome à vila! Mas continuava fascinado.

Pediu ao pai para que voltassem para a água para recuperar o capacete queria vê-lo com os próprios olhos e bem de perto!

Esperava que o pai o deixasse ficar com ele. Queria ter o capacete num lugar de destaque no seu quarto, para que todos os que fossem lá a casa pudessem admirar o espantoso achado!

Disse isso tudo ao pai, muito empolgado.

O pai, em vez de concordar logo com ele e demonstrar o mesmo tipo de emoção, sorriu enquanto lhe passava a mão pela cabeça, dizendo-lhe que iam dar uma caminhada só os dois, porque precisavam de falar.

Enquanto andavam, ao longo do rio, o Chiquinho sentia-se perplexo e tinha a sensação que o pai procurava, ainda em silêncio, a melhor maneira de lhe explicar alguma coisa.

Decidiu perguntar - Porque estamos aqui em vez de ir mergulhar para recuperar o capacete?

O pai do Chiquinho revelou-lhe então que nunca iriam ter o capacete lá em casa. Precisamente por ser algo de tão importante é que não o deveriam guardar.

O Chiquinho não estava a entender muito bem:

- Se é muito importante e valioso, se fomos nós que o encontramos e se não pertence a ninguém, porque não podemos nós ficar com ele?

O pai respondeu-lhe:

- Estás enganado e aí é que está a verdadeira questão! O capacete pertence a alguém, sim! Pertence a toda a gente!

O Chiquinho fez novamente a cara de quem não percebe. O pai então explicou melhor as razões para não guardarem o que viu no fundo do rio.

- Devemos contactar com a Direção Geral do Património Cultural, eles saberão como retirar, estudar e devolver a história a todos nós. Por isso não devemos mexer, pois vamos separar o capacete da história que ele conta. Imagina que ao lado do capacete tens um barco e uma carga que era transportada por esse barco. Entendes?



Era a mesma coisa de te separar da nossa família e te esqueceres de tudo o que conheces, como na lenda do rio *Lethes*, que o avô conta, perdíamos identidade, um passado e todo o conhecimento.

- Sim – disse o Chiquinho.

- Portugal possui uma lei que ajuda na preservação do património e do conhecimento. Se essa lei existe é porque todos ganhamos com isso.

O Chiquinho começou a entender o que o pai estava a explicar, que continuou:

- Todos os acontecimentos desta e doutras épocas pertencem a todos nós! Seria muito egoísta da nossa parte correremos o risco de estragar tudo!

O Chiquinho concordou. Só lhe restava saber como fazerem as coisas de forma correta.

O pai explicou-lhe que neste tipo de situações era importante ir tentar contactar com arqueólogos, porque são esses os especialistas neste tipo de descobertas.

- Vamos rápido então Pai! - disse o Chiquinho - Temos que avisar alguém enquanto sabemos exatamente onde está o capacete e antes que seja levado pela corrente!

O pai ficou feliz por constatar que o Chiquinho não tinha ficado triste e já era tão responsável e maduro.

Chiquinho gostou tanto daquela experiência que ficou a pensar que no futuro, quando crescesse queria ser arqueólogo para poder estudar e conhecer o fundo do mar e todas as histórias que ele guarda.

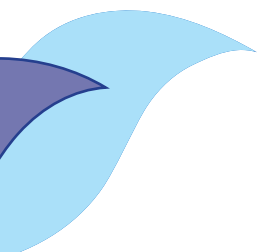
Quando o verão terminou e chegou à escola e toda a gente lhe dava os parabéns.

O Chiquinho era um herói, pois tinha descoberto o capacete romano que teria levado à exposição do novo sítio arqueológico na Vila, estudado pela equipa de arqueólogos. Na escola não se falava noutra coisa e até prepararam uma visita de estudo para que todos os meninos pudessem ir ver.

Chiquinho estava radiante por ver o quanto as pessoas gostavam de conhecer o passado e a história da vila.

- Realmente o património é de todos. - pensava ele.





Bibliografia



CLAUDINO, Fátima. *O que é o Património Cultural Subaquático*. Fátima Claudino (coord.) Comissão Nacional da Unesco - Ministério dos Negócios Estrangeiros. Primeira edição. ISBN 978-989-98953-4-8. 2016.

FIGUEIREDO, Alexandra. UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DA ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA NO ENSINO SUPERIOR, in Catálogo *O Tempo Resgatado ao Mar* do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Coordenação Geral António Carvalho e Maria Amélia Fernandes, Comissário Científico Adolfo Silveira Martins, 2014.

FIGUEIREDO, Alexandra e BEREZOWNSKI, Walderez. A educação patrimonial como via para uma comunidade arqueologicamente mais consciente. In revista *TEMPORIS*, 2017.

SALDARI. O Património Cultural Subaquático. Kit educativo. Comissão Nacional da Unesco. Lisboa. 2012

Se um dia quiseres ser arqueólogo ou colaborar num projeto de arqueologia, encontrares um vestígio antigo ou sítio que te pareça arqueológico contacta conosco.

Instituto Politécnico de Tomar
Laboratório de Arqueologia e Conservação Subaquática
alexfiga@ipt.pt / caaportugal@gmail.com



ISBN: 978-989-8840-44-8

FOTOS: projeto Caldeira
(ES-Brasil)

